

Título do Trabalho: **Epistêmes em Psicologia Social: experimentações didáticas**

Alex Viana de Brito – Graduando em Psicologia
UFC *Campus* Sobral – alexvbrito@gmail.com
Gislene Maia de Macêdo – Professora Adjunta,
Psicologia Social, Curso de Psicologia
UFC/*Campus* Sobral gislene.macedo@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO.

Discutir e analisar a história da psicologia social já não parece ser algo novo em nossos dias. A diversidade ontológica desse campo, bem como dos inúmeros meandros caracterizados por ela já foram apontados por importantes autores da psicologia (Robert Farr, 1999; Álvaro, J. Garrido, A. 2006). Vale lembrar que definir o fazer do psicólogo social e do objeto da psicologia social também constitui-se como algo plural, na medida em que dificulta-nos identificar o que é considerado específico dessa área da psicologia.

Rosane Alves (2005), por exemplo, se pergunta sobre “qual seria a especificidade da psicologia social, e como explicar o aparecimento relativamente recente de um campo de conhecimentos e de um conjunto de práticas para se ocupar das relações dos indivíduos.” (p.14). Tais questões, como já dissemos, são muito bem analisadas nas últimas décadas. Ainda que não encontremos, de fato, um fazer específico do psicólogo social, faz-se necessário afirmar que a atenção dos teóricos da psicologia social com seu próprio campo demonstra o compromisso e a preocupação com os possíveis caminhos que esse campo de saberes vem tomando.

É possível afirmar que a psicologia social, quando olha para si mesma, vem tentando fazer o que Foucault fez com as ciências humanas, isto é, mais do que descrever uma história estabelecer as descontinuidades desse campo no próprio dizer de Foucault seria:

Explicar o aparecimento de saberes a partir da configuração de suas possibilidades externas aos próprios saberes, ou melhor, que imanescentes a eles – pois não se trata de considerá-los como efeito ou resultante – o situam com elementos de um dispositivo de natureza essencialmente estratégica. (FOUCAULT, p.X, 2004)

A luz de Foucault é possível apontar que as pesquisas que problematizam a própria psicologia social, parecem “desconfiar de algumas certezas”, mantendo o “exercício da suspeita” ao saber construído por ela mesma. (cf. GALO, S. 2008)

Diante do que foi dito podemos nos perguntar, qual a originalidade do presente trabalho? Como dito anteriormente seria redundante tematizarmos sobre a origem da psicologia social, diante da quantidade alhures de pesquisas já existentes e, sobretudo, porque falamos de um trabalho de graduação.

Nosso intento aqui é problematizar e, num segundo momento, relatar os diversos desafios para o ensino em psicologia social aos estudantes recém-ingressos no curso de psicologia da UFC/*Campus* Sobral, na disciplina de Teorias e Práticas de Psicologia Social I. Compartilhar também alguns dispositivos que criamos para inserção do estudante no campo da psicologia social. Dispositivos que, a nosso ver, permitiram problematizarmos a dificuldade em não conseguirmos conceituar ao certo a psicologia social, mas não podemos omitir de que o “bom entendimento” do que vem a ser psicologia social nem a nós mesmos é tão claro e que talvez remeta *ubiquidade* própria desse campo.

2. A DESCONTINUIDADE DA PSICOLOGIA SOCIAL NO CONCRETO.

Um dos deslocamentos que tivemos de exercer foi na construção do plano do ensino da disciplina de Teorias e Práticas de Psicologia Social I (TPPS I). Optamos pela discussão no grupo formado pelos três monitores da disciplina e a professora/orientadora. Analisamos juntos textos, artigos e livros que tematiza as diversas correntes da psicologia social trazendo a dimensão histórica e principais categorias de análise desse campo de saberes. A reunião desse material bibliográfico já representou uma grande quantidade de “visões da psicologia social”.

Por ser uma disciplina de carga horária teórico-prática tínhamos que aproximar as discussões conceituais das principais questões contemporâneas, isto é, como se dava o olhar da psicologia social sob determinado fenômeno, em termos gerais e locais.

Podemos dizer que somente na realização do presente artigo nos damos conta do porquê não conseguirmos inserir na disciplina todas as correntes as quais achávamos importante que o estudante conhecesse. Também não seria possível fazer o resgate da psicologia social em uma totalidade, pois como sabemos a “fundação” da psicologia social remete-nos, pelo menos, a investigarmos o pai da psicologia moderna W. Wundt e sua *Völkerpsychologie* e a própria influência do positivismo de E. Durkheim (LIMA, 2008), demandando assim uma disciplina inteira de leitura de manuais da história da psicologia social.

Para abranger essa multiplicidade, criamos o grupo de estudo com os monitores como um dispositivo ampliado para que os estudantes se deparassem com outras bibliografias acerca da história e de diversas correntes da psicologia social. Além do grupo de estudos, trouxemos a exibição de filmes que versaram sobre temas discutidos na disciplina e as mostras de trabalhos de estudantes que cursaram a disciplina psicologia social anteriormente, trazendo a atuação do psicólogo desse campo com os textos de sala de aula.

Uma das primeiras discussões, que antecedeu às mostras de trabalhos, foi bastante importante para novamente observarmos quão dificultoso é conceituar a psicologia social.

O Catálogo Brasileiro de Ocupações, cuja definição do psicólogo dentro de suas especificidades coube ao Conselho Federal de Psicologia, traz em sua definição que “o psicólogo social deve entender o sujeito desde uma perspectiva histórica considerando a permanente integração entre indivíduo e o social.” (BRASIL, p.7 2001) Quando observamos o detalhamento das atribuições deste, temos ainda que ele deve, dentre outras coisas “promover estudos psicossociais, atuar junto a organizações comunitárias, avaliar programas comunitários, assessorar órgãos públicos e particulares, atuar junto a meios de comunicação e pesquisar e avaliar variáveis psicológicas que influenciam o comportamento do consumidor.” (BRASIL, p.8, 2001).

Analisamos aquilo que é atribuído ao psicólogo social e vimos que a pluralidade do fazer deste se expressa, por exemplo, ao pensarmos que essa descrição também é perfeitamente cabível a qualquer outro profissional da psicologia, seja ela da área de escolar, clínica ou do trabalho. Ora, será que esses três outros profissionais não devem olhar seja na escola, na clínica e na organização de modo histórico, observando a integridade de indivíduo e social?

Tal discussão foi fundamental para que os estudantes recém ingressos percebessem, de fato, de que problema estávamos falando, ou dito de outra forma, quais problematizações a disciplina procurava trazer para eles.

O mesmo também ocorreu nas mostras de trabalhos, onde muitos afirmavam que os trabalhos de seus colegas não eram necessariamente trabalhos de psicologia social.

Tais problematizações vieram à tona, uma vez que os acadêmicos além de cursarem a disciplina de psicologia social cursavam outras disciplinas que permitiam também perceber naquele trabalho apresentado um olhar de outra psicologia, produzindo ainda mais novos questionamentos acerca da psicologia social, isto é, “o que vem a ser então a psicologia social?” “O que faz o psicólogo social, de fato?”

Para os monitores, *apriori*, os dispositivos criados pareceram deixar ainda mais confuso os estudantes, já que muitos, em orientações individuais, expressavam a desmotivação por não saber conceituar concretamente o fazer psicólogo social.

No entanto foi importante notar que estávamos apenas apresentando uma problemática que é própria da psicologia social, como já falamos alhures, mas que a psicologia social, quando vista no todo da psicologia deveria assumir o lugar de diferença ou, no dizer de Félix Guattari (1996), de *resistência*. E que a psicologia social assim como sujeito é algo produzido, se distanciando de um subjetivismo psicológico ou de uma dimensão essencialista da psicologia.

Portanto o entendimento dos estudantes da própria descontinuidade da psicologia social constituía-se como importante para repensarmos esse campo e para negar uma compreensão harmônica e cartesiana do conhecimento. A professora Silvia Lane ao falar sobre homem da psicologia social se aproxima dizendo que “[...] se apreender o Indivíduo como um ser concreto, manifestação de uma totalidade histórico-social – daí a procura de uma psicologia social que partisse da materialidade histórica produzida e produtora dos homens.” (LANE, S. p.15, 2001).

3. A REALIDADE SOCIAL COMO ESTRUTURANTE NA PSICOLOGIA SOCIAL.

Dentro do Programa de monitoria tivemos duas atividades que permitiram observar exatamente como as categorias de análise da psicologia social podem ser “ferramentas” para se fazer a leitura da realidade, bem como demarcam um olhar próprio dessa psicologia. E qual seria esse olhar da psicologia social? Esta indagação freqüente de nossos estudantes nos inspirou a formular algumas possíveis respostas.

É preciso pontuar no presente artigo o que constantemente discutíamos em nosso grupo de estudo, na medida em que não se trata, quando falamos da psicologia social, de um olhar clínico para o sujeito, tampouco o olhar patológico para os sujeitos. Evidentemente que até podemos nos propor a fazer tais apontamentos no âmbito clínico, etc.

Mas a visão de Rosane Silva em nossa opinião é a que melhor expressa um possível olhar da psicologia social quando diz que:

[...] das análises em psicologia social é a *dobra*, ou seja, nem o indivíduo, nem a sociedade, nem a interação entre ambos, mas o modo como um determinado conjunto de práticas produz certa forma de relação consigo e com o mundo [...] Dentro do paradigma cientificista a dobra não faz o menor sentido [...] Neste modelo a psicologia social não tem outra saída a não ser estudar a “interação” entre indivíduo e sociedade, ou então a questão da inter-subjetividade os processos de mediação daí decorrentes. Neste novo paradigma a psicologia procurará identificar as formas de captura da subjetivação dominante através da crítica à axiomática capitalística. (SILVA, R. p.187. 2001)

Esse olhar que talvez demarque a diferença da psicologia frente às outras correntes psicológicas tomou expressão na realização de uma discussão na Delegacia de Defesa da Mulher, onde tematizamos a possibilidade da psicologia social atuar no enfrentamento à violência doméstica. Discussões que partiam, sobretudo, dos conceitos de *identidade*, *atividade* e *consciência*, uma vez que estudávamos a psicologia de base sócio-histórica, sendo interessante também as possíveis leituras que os estudantes faziam de como o psicólogo atuaria dentro da delegacia revelando-nos a clara necessidade da presença do profissional nesse espaço.

Outro momento importante para a afirmação da psicologia social dentro da disciplina foi atividade das fotografias. Essa atividade funcionou como avaliação e consistiu em que os estudantes, articulado com textos e conceitos estudados em sala, trariam imagens da realidade, da cidade, lugares e pessoas que fomentariam nossas discussões. O trabalho como imagem tem se revelado um forte aliado na compreensão e, sobretudo, percepção da realidade social que nos circunda. Sobral, como sendo uma cidade pouco “sujeita” a tais olhares da psicologia, desnudou-se, evidenciou-se um pouco mais. A atividade proposta nos trouxe visões dos estudantes sobre os acontecimentos locais, desde os mais complexos (como o período da enchente em 2009) como os aparentemente mais simples (pessoas conversando no Becco do Cotovelo, ponto de encontro da cidade). Juntamente com as fotografias, os estudantes redigiram uma sinopse das imagens associando com o conteúdo desenvolvido na disciplina. Este foi um dos momentos que percebemos a importância do nosso planejamento na execução das estratégias metodológicas e didáticas, considerando a diversidade da psicologia social.

No período dessa atividade a cidade de Sobral estava assolada pelas enchentes, decorrentes das chuvas do início do ano, deixando milhares famílias desabrigadas. Esse fato foi objeto das imagens de muitos estudantes, permitindo diversas discussões que transitavam no campo das políticas públicas, psicologia política, psicologia comunitária, etc. Certamente essas duas atividades, produziram efeitos nos estudantes, uma vez que muitos, junto a outros colegas e professores iniciaram intervenções e pesquisas nos abrigos e regiões onde as famílias se encontravam.

Nesse momento, percebemos de forma latente a possibilidade da psicologia social chegar aonde as outras psicologias não queriam ou não podiam chegar. Recordamos imediatamente de Martín-Baró ao falar do *realismo crítico* que consiste na postura ao mesmo tempo metodológica, epistemológica e política, originada de uma forte crítica. (Nepomuceno, p.29, 2009). Postura esta que também deve servir para entendermos a marca da psicologia social Latino-Americana.

Para Martín-Baró, a Psicologia Social hegemônica cumpre serviço a uma ideologia dominante dos países ocidentais, onde os problemas sociais são freqüentemente referidos em termos de variáveis psicológicas centradas na pessoa, onde há a transformação do objeto de estudo, abstração dos processos históricos e centralização nas causas pessoais (IBAÑEZ, 2005 apud NEPOMUCENO, 2009).

Los problemas sociales se convierten así en problemas de personas, y los problemas políticos en problemas de caracteres o personalidades. Se incurre en el personalismo a todos los niveles, tanto para el éxito como, sobre todo, para el fracaso[...] De este modo las soluciones sociales y políticas recomendadas por este tipo de análisis tienden siempre a asumir como intocable el sistema social establecido y a estimular a los individuos a plegarse a sus exigencias (Martín-Baró, p.24, 1985).

De modo que a fotografias trouxeram em seu bojo a marca do que a psicologia social poderia olhar e, mais do que isso, o que poderia fazer diante de tal realidade. Para os monitores esse foi um fator decisivo para o amadurecimento da escolha pela psicologia social como campo de estudos, de atuação dentro da psicologia. E tal escolha, insistimos, deu-se nesse processo de ensino-aprendizagem, de criação de dispositivos educacionais, de experimentações didáticas.

4. RETERRITORIALIZANDO O SABER DA PSICOLOGIA SOCIAL.

Talvez as experimentações a que nos propomos, seja o delineamento do plano de ensino, planejamento das atividades já mencionadas e de outras atividades que surgiram durante a disciplina, pareciam nos dar clareza de que estávamos conseguindo criar “táticas” para que o estudante compreendesse o fazer da psicologia social em uma completude.

É preciso reconhecer que pensar dessa forma nos faz recair na simples idéia de aquisição do saber e de que “o ensino corresponda a uma aprendizagem.” (GALO, S. p.79, 2001).

Na verdade o aprender sob a égide do simples ensino leva, em muito, ao adestramento dos sujeitos e de não possibilidade de uma educação menor. Educação menor, termo cunhado por Galo. S, corresponde a educação que longe de acomodar, propõe-se a desterritorializar o conhecimento. Vejamos:

A educação menor é rizomática, segmentada, fragmentária, não está preocupada com a instauração de nenhuma falsa totalidade. Não interessa à educação menor criar modelos, propor caminhos, impor soluções. Não se trata de buscar a complexidade de uma suposta unidade perdida. (GALO, S. p.82. 2001).

Do exposto acerca do entendimento por psicologia social, ousamos afirmar que a educação menor é constituinte de um ensino desse campo, de que a experimentação e não a reprodução de dispositivos educativos é a possibilidade de reconstrução do saber.

De nossa experiência, vislumbramos duas brechas a serem criadas nesse campo. A primeira compreende-se no plano epistemológico da psicologia social. Em nossa atividade, observamos que adentrar na história da psicologia social de forma não *manualesca* foi o caminho para produzir novos territórios nela mesma.

O conceito de social, por exemplo, foi colocado a prova através de uma resenha crítica do livro *A Invenção do Social*, onde nos questionamos “qual seria a especificidade da psicologia social, e como explicar o aparecimento relativamente recente de um campo de conhecimentos e de um conjunto de práticas para se ocupar das relações dos indivíduos.” (SILVA, R. p.14, 2005).

Outro ponto de destaque refere-se a flexibilização dos planos de ensino. É possível afirmar que os currículos universitários, entenda-se créditos, disciplinas e os conteúdos a serem ministrados engessam a possibilidade de novas produções, uma vez que seguem diretrizes, planos e modelos macro-políticos já instituídos.

Entretanto é possível, diante desses modelos produzir formas singulares, já que é no âmbito da micro-política que se constroem resistências, que se desterritorializam alguns saberes já instituídos criando linhas de fuga, como evasão, mas também, como criação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Portanto “o desterritorializar da psicologia” foi o único modo de trazer outro significado para a pluralidade da psicologia social. Com relação às discussões feitas no grupo de estudo, por exemplo, a grande dificuldade encontrada pelo monitores, constituía em não conseguirmos conceituar, ao certo, o que vem a ser o campo da psicologia social.

Talvez esse fenômeno não diz respeito somente a dificuldade dos monitores em transmitir essa definição, já que a diversidade da psicologia social exigiu dos monitores a busca por outras bibliografias deste campo, mas a própria indefinição do campo da psicologia social torna ainda mais desafiador o ensino desta disciplina. Podemos dizer então que se o Programa de Iniciação a Docência da disciplina de Teorias e Práticas em Psicologia Social (TPPS) funcionou como dispositivo de ensino e aprendizagem, deve-se a dimensão crítica e de comprometimento com a realidade. Dimensões estas que demarcam a identidade da psicologia social que queremos.

Por fim queremos trazer, novamente, as palavras de Martín-Baró quando nos diz desse comprometimento com o conhecimento e com a realidade.

[...] A los psicólogos latinoamericanos nos hace falta un buen baño de realidad, pero de esa misma realidad que agobia y angustia a las mayorías populares. Por eso, a los estudiantes que me piden una bibliografía cada vez que tienen que analizar un problema les recomiendo primero se dejen impactar por el problema mismo, que se embeban en la angustiada realidad cotidiana que viven las mayorías salvadoreñas y solo después se pregunten acerca de los conceptos, teorías y instrumentos de análisis (MARTÍN-BARÓ apud NEPOMUCENO, 2009 p.30, 2009).

É necessário lembrar que o presente trabalho se encontra concluído parcialmente, pois a TPPS I deve ser observada unida a disciplina de TPPS II, uma vez que a última dará ao estudante o aporte necessário para o entendimento da multiplicidade de fenômenos psicossociais e do aprofundamento dos temas da psicologia social. Também possibilitará aos monitores a reavaliação de algumas atividades e de metodologias adotadas na disciplina.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁLVARO, J. L. GARRIDO, A. **Psicologia Social – Perspectivas Psicológicas e Sociológicas**. São Paulo, Mc Graw – Hill, 2006.

BRASIL, Ministério do Trabalho e Emprego. **Catálogo Brasileiro de Ocupações**. 2001. Disponível: <http://www.pol.org.br/pol/export/sites/default/pol/legislacao/legislacaoDocumentos/atr_em_prof_psicologo_cbo.pdf>. Acesso em 17 de Maio de 2009

- FARR, Robert. M. **As raízes da psicologia social moderna**. RJ, Vozes. 2008
- FOUCAULT. Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: GRAAL, 2004.
- GALO, Silvio. **Deleuze e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. 4º ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1996. 203p.
- IBAÑEZ, Luis de La C. La Psicología Social de Ignacio Martín-Baró o el Imperativo de la Crítica. In: PORTILLO, Nelson; GABORIT, Mauricio; CRUZ, José M.. **Psicología Social en la Posguerra: teoría y aplicaciones desde El Salvador**. San Salvador: UCA Editores, 2005.
- LANE, Silvia T. M. **O que é psicologia social**, São Paulo: Brasiliense. 2001.
- LIMA, Aluísio. F. **Gênese, desenvolvimento e redefinição da Psicologia Social: da separação epistemológica ao compromisso com a práxis**. In: BRAGA, José Olinda. (Org.). Multisaberes. (no prelo). Fortaleza: Editora da UFC, 2009.
- MARTÍN-BARÓ, Ignacio. **Acción y Ideología: psicología social desde Centroamérica**. (2ª ed.). San Salvador: UCA Editores, 1985.
- NEPOMUCENO, Léo. B. **Para Atuar Com a Comunidade: estudo sobre a relação entre participação comunitária e Estratégia de Saúde da Família do SUS no bairro Terrenos Novos em Sobral, Ceará**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Ceará. 2009.
- SILVA, Rosane. N. **A Invenção da Psicologia Social**. RJ, Vozes. 2005.